

**CEDI**

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Dicionário do Comércio (S.P.)

Class.: \_\_\_\_\_

129

Data: 29 de setembro de 1987

Pg.: \_\_\_\_\_

## Editorial

190

### O índio e o empresário

Quando a Companhia de Jesus chegou ao Brasil com os colonizadores, o apóstolo do Brasil, Anchieta, pôs-se, desde logo, a catequizar os indígenas. Aprendeu-lhes a língua, os costumes, fez-se íntimo deles, para despertar confiança, e os ensinou a língua dos civilizadores portugueses, a fim de aculturá-los aos usos e costumes sob os quais emergia para a civilização o Novo Mundo. Se os mais antigos troncos paulistas tiveram a matriarca Bartira, cantada soberbamente por Guilherme de Almeida no "Acalanto de Bartira", e Tibiriçá, foi porque os jesuítas, obedientes às ordens de Roma e dos civilizadores portugueses, os incorporaram aos benefícios da civilização e da cultura e criaram no Brasil uma nacionalidade.

Nunca, até recentemente, foi questionada a sábia política dos portugueses, dos brasileiros, os aqui nascidos nos séculos da colonização, e dos jesuítas. São Paulo não existiria, se a marcha para o Oeste não aculturasse os indígenas. Quem consulta as cartas geográficas das duas primeiras décadas do século encontra registrado no território além-Bauru, que os indígenas o habitavam. Avançavam os cafeeiros e na sua rota os trilhos das estradas de ferro. São Paulo estava sendo desbravado. A região que daria o decisivo, impetuoso arranco ao desenvolvimento, usando o café como economia fundamental para essa obra titânica, estaria paralisada, se prevalecesse na época a política hoje patrocinada e defendida pelos padres da esquadrigreja e por alguns aventureiros. Está aí a prova. Foi a aculturação do índio que o beneficiou. Seria interessante investigar genealogicamente a mistura de sangue indígena aos antigos troncos paulistas. Não fosse a aculturação do índio e não seria possível organizar economicamente São Paulo e, por extensão, outras regiões do País.

O indianismo de Alencar e Gonçalves Dias, para ficarmos nos dois maiores, consistiu em invasão romântica no Brasil. Mas o indianismo passou. O mundo moderno e da aculturação, da fusão de raças, do intercâmbio étnico, não da segregação. Os membros do clero que porfiam em manter os índios segregados são os seus piores inimigos. Algumas denominações protestantes, ou protestantizadas para fins econômicos e ideológicos, que também defendem a segregação indígena, são outros tantos inimigos, não só do Brasil, que essa prova já está soberbamente feita, mas dos próprios indígenas.

Haja vista o artigo acolhido pela importante revista "Veja", a publicação hebdomadária de maior circulação no País, no número de 16 deste mês. Quem conhece os bastidores da imprensa e as limitações intelectuais dos índios, inclusive do mais notório, o antigo cacique Juruna, sabe que o artigo em questão foi escrito por mão alheia. Suspeitamos

que tenha sido um padre da esquadrigreja pela ciência e a tecnologia.

Ja, um desses cornacas do comunismo que hoje estão abundando nas hostes de parte do clero descristianizado, desteorologizado e, por isso mesmo, aplicado às agitações sociais. A linguagem vazada no estilo da "língua de madeira", largamente usada pelos comunistas, é típica da propaganda soviética. Explorando um cacique, na pior e mais ignóbil das explorações, a de sua inferioridade intelectual, um padre da esquadrigreja desfere contra o empresariado nacional diatribes aleivosas. O índio não saberia interpretar o que está escrito sob seu nome. É uma infâmia contra uma classe à qual o Brasil deve a posição de oitava potência industrial do mundo.

O artigo mereceria ser dissecado de alto a baixo, a fim de que suas mentiras fossem desvendadas a todos os leitores da autorizada publicação. Desde o início do artigo há inverdades. Quem inventou os 5 milhões de indígenas? Quem conhece a História do Brasil, a verdadeira, não a forjada pelos seus falsificadores, sabe que o território posteriormente batizado com o nome de Brasil era ocupado por populações primitivas, sem herança cultural, consoante tem a palavra cultura aceitação nos círculos mais representativos da *intelligenza* mundial. Não foi, por isso, difícil ao catequizador jesuíta converter os indígenas ao cristianismo e aculturá-los, de tal maneira que a população brasileira tem alta porcentagem de sangue indígena. O artigo peca, entre outros motivos, por esse, o de, descaradamente, voltar as costas à verdade.

Os índios que ainda vivem, protegidos por legislação que lhes reconhece a posse de reservas, estão já conquistados pela tecnologia do mundo moderno. Todos falam fluentemente o português, vêem televisão, ouvem rádio, lêem jornal, mantêm intercâmbio quotidiano com os centros civilizados. Faz pouco tempo, duas vedetes da TV Globo quiseram conhecer de perto uma reserva indígena, supondo que iriam encontrar uma população primitiva. Tão logo chegaram às reservas os índios lhes pediram autógrafos. Esses são os indígenas, que os padres e missionários do Cimi, com apoio dos intrusos austríacos, querem que sejam desligados do Brasil, para constituírem uma nova nação, com soberania, códigos e todo o aparato do Estado de direito. Não pode haver má fé maior, nem maior audácia, sobretudo quando o autor ou autores do artigo inventavam o empresariado brasileiro, o suporte da economia nacional, sem cujo vigor os próprios indígenas já teriam desaparecido por inanicação e enfermidades.

No último parágrafo do nefando artigo, o autor refere-se a escândalos havidos no Brasil. E comina a empresários que chama das respeitáveis, entre aspas, palavras de reprovação. Ninguém

val apoiar indivíduos que incorreram nas penas de lei e foram punidos. Mas o que é grave nesse patife, que usou ardil do anonimato para atribuir a um cacique o seu pensamento, é a generalização. "Eu quero ser empresário para poder também demitir, fraudar a Previdência Social e o fisco. Ficar isento do Imposto de Renda e empregar o que iria pagar em projeto próprio, como ocorre com frequência na Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia". Está aí o que o autor do artigo diz do empresário, envolvendo todos nas suas assacardilhas peçonhentas. Não distingue os produtores dos raros que agiram desonestamente, uma minoria nas centenas de milhares que produzem para o desenvolvimento.

Não se sabe qual a população indígena, atualmente. Cálculos empíricos chegam a uma centena de milhar. Não mais. Segundo o sr. Sérgio Cardoso de Almeida, eles deambulam pelo Interior. Suas reservas são, na maioria, ricas de minérios e de cobertura vegetal. Somente porque são índios ficará a Nação privada da exploração de seus recursos, a fim de transformá-los em riquezas, que vão beneficiar os próprios indígenas? Seria estúpido e antibrasileiro seguir essa política. Pede o autor do artigo do cacique Paiakan Caiapó que na Assembléia Nacional Constituinte deve ser dada prioridade à demarcação das reservas indígenas. É uma segregação o que advoga o Cimi, de parceria com todos os "descobridores" desse filão de agitação social e política que são os padres progressistas e os missionários esquerdistas, a soldo de organizações estrangeiras que abusivamente intervêm nos negócios internos do Brasil.

Os índios, como toda a população brasileira, merecem igual consideração do Governo e da sociedade. Não se faça, porém, dos índios uma população à parte, que deva continuar segregada do Brasil. Se a política das reservas como pleiteada for adotada — não entramos no mérito para não nos alongarmos — que o Governo da União decida-se tratá-las em igualdade de condições de todos os demais brasileiros. Não se faça do índio o "bom selvagem" de Rousseau, que essa foi uma utopia cujo preço caríssimo ainda estamos pagando. O artigo acolhido pela revista "Veja" cola no empresariado nacional, que trabalha para a produção de riqueza, um apodo que re- pelimos, por injurioso.

O índio e o empresário estão colocados em posições distantes. Um, apoiado pela esquadrigreja do Cimi, conluída com missionários e organizações estrangeiras, quer continuar primitivo, sem usufruir o que a civilização põe à disposição de todos os seres humanos, em regimes democráticos de sociedades livres. O outro quer a incorporação de todos os brasileiros, os que chegaram antes e os que chegaram depois às mesmas civilização e cultura, beneficiados